

O PAPEL DA ESCOLA NA CONSTRUÇÃO DO FUTURO

Marcos Antônio Lorieri

PUC de São Paulo

INTRODUÇÃO

Ao pensar neste tema ocorreram-nos diversas idéias. A mais insistente delas foi a seguinte: a escola não constrói o futuro, pois a escola é um produto do mundo humano; mas a escola como todo produto do mundo humano constitui este mundo humano e, por isto, o constrói, ou seja, ela é produto e fator de construção.

A escola não constrói, sozinha, o mundo humano, assim como não é, ela, o único produto do mundo humano.

A escola, como outros aspectos do mundo humano tem o seu papel na constituição deste mundo humano.

E, como o mundo humano é um mundo histórico, isto é, um mundo que se dá no tempo, um mundo que é passado, presente e futuro, a escola, como parcela constitutiva desta história do humano é um produto do passado, um dinamismo do presente, e é participante do futuro.

Há, pois, um papel da escola na construção do futuro.

— Como poderíamos precisar deste papel ?

— Como colocar o futuro como preocupação da escola ?

Ao lermos um artigo da revista "Diálogo", no seu nº 4, Vol. VII, 1974, intitulado: "Educação para o futuro" deparamo-nos com uma entrevista realizada com Alvin Toffler, autor do famoso livro: "O choque do futuro". Nesta entrevista, ao falar da natural complexidade do meio em que o homem vive, complexidade tornada ainda maior pelas próprias criações humanas que, cada vez, são produzidas mais rapidamente e em maior quantidade (daí chamarmos ao nosso mundo, um "mundo em mudanças"), Alvin Toffler diz: "Defrontamo-nos com um meio caótico, um meio calidoscópico em rápida transformação; e, no entanto, a educação ou a instrução até agora proporcionadas só nos prepararam para um meio muito menos irregular e mais rotineiro".

E, em face disto, diz ele: "Precisamos introduzir o futuro na educação".

— Como, concretamente, pode isto, ser feito ?

foi perguntado a Toffler. — A sua resposta, um tanto longa, chama-nos a atenção especialmente. Tentaremos reproduzi-la em rápidas palavras para, a partir do seu conteúdo, encaminharmos algumas reflexões.

Diz ele que é necessário nas escolas especialmente, fazer com que os alunos coloquem diante de si mesmos, para suas próprias análises e estudos, as suas próprias vidas e não apenas o mundo exterior a eles. Este mundo exterior tem sido colocado como um mundo em constantes mudanças mas as vidas de cada um de nós tem sido colocadas como que à parte de tais mudanças. E isto pode-se ver claramente em um levantamento que Toffler realizou com crianças quando pediu a elas que escrevessem sete acontecimentos que aconteceriam no futuro. As crianças o atenderam e, por serem crianças inteligentes e "sofisticadas" (como diz o artigo), listaram uma série de fatos que, achavam elas, por certo ocorreriam no futuro.

"Mas, diz Toffler, uma das coisas que observei, foi que nem um só deles disse o que iria acontecer com eles mesmos. **Tudo era externo objetivo.** Assim, dei-lhes novas folhas de papel e disse: "Bem, agora escrevam sete coisas que vão acontecer a vocês. E eles escreveram: "Casarei aos 22 anos. Terei 1,8 filhos. Residirei no mesmo bairro onde vivo agora. Terei um cachorro" — Tudo coisas indicativas de que suas vidas não serão mudadas, em absoluto, pelos acontecimentos que irão transformar o mundo.

Ora, conclui o entrevistado, um sistema de educação que ensina isto às crianças está a prejudicá-las gravemente, pois é impossível ter mudanças maciças na cena mundial sem mudar, também, o modo de vida dos indivíduos".

Uma escola que produza um tipo de educação em que as vidas dos alunos não são colocadas diante deles para que eles a examinem, juntamente com os outros aspectos do mundo de que fazem parte, é uma escola que está produzindo uma **ação educativa parcializada e fica a dever aos humanos que nela estão envolvidos.** Fica a dever em relação às suas existências presentes como fica a dever em relação ao seu preparo para o futuro.

Esta nos parece a mensagem mais séria que podemos inferir da entrevista de Alvin Toffler.

Fomos sensibilizados pela sua chamada de atenção e, a partir daí, temos meditado um pouco mais sobre este enfoque que se pode dar às análises do papel da escola no processo mais amplo de educação das pessoas.

O enfoque, precisando-o melhor, é este:

a escola (e todo o processo educativo) deve, a par de realizar com os alunos uma análise que os auxilie a conhecer o mundo em que vivem, realizar com eles, também análises que os auxiliem a conhecer a si mesmos como parte (e parte especial e essencial) deste mesmo mundo.

E tal análise, para ser completa, não poderá nunca deixar de ver que este nosso mundo e nós com ele, somos uma realidade em mudan-

ça, em processo, e, por isto, estamos sempre construindo um futuro, pelo qual somos responsáveis.

Que tipo de educação escolar poderia realizar satisfatoriamente este “papel completo” de auxiliar os educandos a conhecerem a si mesmos e ao seu mundo, de tal forma que este conhecimento os “instrumentasse” a realizar a si mesmos e ao mundo, de uma forma humana, e não negadora da maneira **humana de existir** ?

Que tipo de educação escolar estaria auxiliando na construção de um “Futuro” do qual nós aqui presentes, gostaríamos de fazer parte ?

A escola, dissemos, não constrói sozinha nem o mundo de hoje nem o mundo futuro. A escola, isto sim, auxilia nesta construção.

Qualquer que seja o mundo de hoje e o mundo futuro são eles uma construção. Boa ou ruim eles são uma construção; eles são um produto da ação dos humanos neste “ambiente” que é um misto de natureza e de cultura.

Nós só podemos falar de um mundo (presente ou futuro) que seja um mundo humano: desde que o humano faz parte do mundo, o mundo é fundamentalmente humano porque traz em seu bojo a marca da presença do homem.

Sendo humano o mundo e sendo a educação (no sentido bem amplo que o conceito possa ter) a maneira peculiar de o humano se “produzir”, a educação ao “produzir” o humano que produz o mundo, “produz”, também, ela o próprio mundo. O mundo de hoje é o mundo futuro, pois, o mundo futuro é sempre o mundo de hoje “re-feito”, “re-arumado”, “re-produzido” pelos humanos que estão sempre se refazendo (se re-educando) num processo histórico que não “sabemos” onde terminará.

Temos crenças (ou “fé”) quanto ao final deste processo ou temos vislumbres do horizonte final desta história, vislumbres estes que tentamos, por todos os meios, tornar mais claros e, por isto mesmo ou refazemos sempre, no nosso “processar maior” enquanto humanos que é o processar do nosso “Ver” mental, ou seja, o processar continuado da constituição do **conhecimento** humano que se quer, sempre, um conhecimento seguro, profundo e abrangente a respeito do homem e de seu mundo, a respeito, então, da História.

Este processar o “mundo de agora” (que, como vimos, é o processar o “mundo futuro” — isto é, é fazer História) o homem o realiza na medida em que realiza seu próprio processar. E o processar do humano é, em última instância, o seu próprio processo educativo que tem por ser um processar humano, dois aspectos fundamentais: o aspecto do **fazer** (do próprio processar) e o aspecto do **saber fazer** (o aspecto do conhecimento do processo). O homem é o ser que faz sabendo que faz e é

por isto, porque sabe, que ele participa ativamente, como sujeito, deste “fazer”, desta “fazeção” de si mesmo e do mundo.

E o “saber”, o conhecer, que dá ao homem a possibilidade de ser sujeito (dono) do processo histórico que é assim chamado porque é um processo que faz sentido, isto é, que caminha em direção à realização de uma “Idéia”, (aquele “horizonte” a que nos referimos antes) Idéia essa que está sendo sempre feita, concretamente. E o único ser que “faz concretamente idéias” é o ser humano — ser que “faz” e “sabe”. É daí, deste enfoque do humano como ser que se constitui como humano nem “fazer sabendo”, que queremos-encontrar o papel da escola como auxiliar importante na construção do humano de hoje e do humano do futuro. Na construção do mundo (humano) de hoje e do mundo (humano) do futuro.

Tentaremos, nesta nossa reflexão, o seguinte percurso:

- a) O que é, para nós, o processo educativo, formado como um todo ?
- b) Qual é o lugar da escola, como agência educativa, neste processo ?
- c) Como vemos uma escola que, realmente, seja uma construtora do humano de hoje e do futuro ?

1 — O PROCESSO EDUCATIVO

Entendemos por educação o processo de promoção do ser humano que, no caso, “significa tornar o homem cada vez mais capaz de conhecer os elementos de sua situação para intervir nela, transformando-a no sentido de uma ampliação da liberdade, da comunicação e colaboração entre os homens”¹

Todo ser Humano, por si mesmo, é capaz de conhecer sua situação e de intervir nela. Torná-lo cada vez mais capaz disto de tal maneira que não venha a ter, tal capacidade atrofiada (pois isto é possível) mas, cada vez mais desenvolvidas, é a grande tarefa do processo educativo.

Entendermos aqui, situação, como sendo o conjunto das condições em que se desenvolve o existir humano e, este existir será tanto mais humano quanto mais for desenvolvido pelo próprio Ser Humano, com seus recursos pessoais, numa tarefa autônoma, mas em colaboração com os demais humanos e a partir de uma realidade concreta.

Neste sentido é que educar é promover o Ser Humano, constantemente, por toda a sua vida, num trabalho comum de todos entre si.

Neste sentido, também se entende que a educação não é algo que ocorre numa determinada etapa da vida humana como a proporcionar,

ao educando, uma preparação para a etapa definitiva do seu viver, preparação esta a cargo de “educadores profissionais” que seriam, então, os “donos” de uma bagagem a ser “dada” aos imaturos que não a possuem.

O que não significa, porém, admitir que determinadas tarefas educativas especiais não possam ser desenvolvidas com cuidados maiores por determinados homens e mulheres — os educadores profissionais — com o objetivo de proporcionar condições ricas de desenvolvimento (de promoção) inserindo-se, tais atividades especiais, naquele “trabalho comum de todos entre si” a que acima nos referimos.

Mesmo porque o “trabalho comum de todos os homens entre si”, tendo em vista a promoção de cada um, a que chamamos de educação, implica, como nos mostra bem Moacyr Laterza e Terezinha A. Rios², três aspectos fundamentais:

- a) é um processo de influências;
- b) é um processo subjetivo de “resposta” às influências;
- c) é um processo de apropriação feita pelo indivíduo que, interiorizando influências, se apropria do seu próprio ser.

O processo educativo é, portanto, mais complexo do que pode parecer à primeira vista, pois é um conjunto único onde estes três aspectos se interrelacionam necessariamente.

Não há educação solitária, como não é possível alguém ser, totalmente influenciado o que nos obriga a ver um sujeito humano realizando bem ou mal, mas sempre, o terceiro aspecto fundamental do processo a apropriação do seu próprio ser, interiorizando influências externas.

Dentro do processo educativo (do processo de promoção do ser Humano) cabe, como realizadora de influências especiais, a tarefa dos “educadores especializados” que, por sua vez, acabam por ser, fatalmente, “educados” (influenciados) por seus “educandos”.

Cabe-lhes, como educadores-educandos, realizar (isto sim) um grande esforço para que a relação educativa que “profissionalmente” assumiram como trabalho especializado, não os atrofie como Seres Humanos nem provoque atrofias nos outros Seres Humanos com quem pretendem relacionar-se especializadamente.

Cabe-lhes ver, o seu trabalho especializado, como parte integrante do processo educativo como um todo. Especialmente cabe, esta preocupação, aos educadores que desenvolvem seu trabalho educativo nas escolas, como professores ou “especialistas em educação”.

As escolas, hoje em dia aparecem como o lugar privilegiado onde se dá a educação, especialmente a educação formal ou formalizada.

Tem, realmente, a instituição escolar, um papel especial no processo educativo visto que cada vez maior número de indivíduos a ela demanda, e que os indivíduos permanecem nela cada vez mais tempo de suas vidas.

Em qualquer lugar, porém, onde se dê o processo educativo e sob qualquer das duas formas básicas em que ocorre (formal ou informalmente) vêmo-lo como sendo um processo de promoção dos Seres Humanos nele envolvidos.

É ele um processo de Humanização por excelência que se dá na relação educativa de educadores-educandos onde todos são educadores e todos são educandos e onde o objetivo do processo é o conhecimento, o desvelamento da situação de que todos fazem parte tendo-se em vista uma interferência transformadora nessa mesma situação que leve a uma constante ampliação na liberdade, da comunicação e colaboração entre as pessoas.

2 – A EDUCAÇÃO ESCOLAR

Como o dissemos no item anterior, a noção de processo educativo permite-nos ver, separadamente um dos componentes deste processo, ou seja, o das influências externas e, dentre elas, aquelas influências que, deliberadamente alguns homens e mulheres, chamados educadores profissionais, pretendem desenvolver, especialmente nas escolas.

O conjunto das atividades desenvolvidas nos ambientes escolares é o que chamamos de educação escolar.

A educação escolar, ou simplesmente “A Escola”, vem merecendo em nossos dias, sérias análises, quer pelo aumento vertiginoso das redes escolares (especialmente as estatais) quer, conseqüentemente, pelo grande número de pessoas que a elas demandam, quer pelo aumento crescente do número de anos que as pessoas devem passar nas escolas, quer ainda, pelos sérios problemas qualitativos que são hoje levantados devidos, em grande parte, a todos esses aumentos (aspectos quantitativos).

Tentaremos, neste item verificar qual o papel da escola na sociedade (Escola e Sociedade), quais as críticas mais comuns feitas à escola (A ESCOLA EM JULGAMENTO) e quais as possibilidades que se nos abrem, hoje, de uma escola realmente voltada à promoção do homem no sentido que colocamos no primeiro item (A ESCOLA POSSÍVEL).

2.1 – Escola e Sociedade

Há, como vimos, influências educativas externas produzidas quase artificialmente visando a que os educandos se comportem desta ou daquela maneira dentro das sociedades a que pertencem.

Estas influências “produzidas” ocorrem juntamente com as influências que poderíamos chamar de “difusas” no ambiente social e têm a ver com elas, de vez que a sociedade se mantém na medida em que incorpora a si mesma os membros novos que a ela vêm.

Exatamente visando à sua conservação é que a Sociedade organiza melhor as influências externas, através, especialmente, das instituições educativas.

E, estas instituições, são tanto melhor organizadas e controladas quanto mais complexa for a cultura socializada, não bastando, então, as influências externas, difusas ou casuais.

“Progredindo a sociedade, tornando-se complexas as suas formas já não basta, a solicitação casual para que o indivíduo participe com plenitude de todas as atividades sociais. Ou quando se torne mais complexa a experiência ou cultura socializada é necessário o aparecimento de um organismo para a transmissão. Isto é, a comunicação se cristaliza, se faz instituição. Surge a escola³.

Pretende a instituição, reproduzir artificialmente, a própria sociedade — a escola, então como instituição faz isto, é um meio ambiente organizado que procura reproduzir as relações educativas da sociedade, organizando-as em corpos unificados de conhecimentos, de habilidades ou de atitudes.

Pretende, ainda, ao reproduzir artificialmente a sociedade ser o menos artificial possível, o que a leva (ou a deve levar) a um contínuo intercâmbio com a própria sociedade. Neste sentido é que a escola pretende ser um “ambiente social vivo”, ou seja, a própria sociedade existindo de maneira sistematizada, “organizada”, institucionalizada.

Reside, aí, o seu risco de ser alienada e alienante, na medida em que acentua a organização e a sistematização, em detrimento do esforço que deve fazer para ser um ambiente desvelador da própria situação de que faz parte, oferecendo aos novos membros da sociedade, mais que receitas da vida, os horizontes abertos de uma contínua recriação dessa mesma sociedade.

Reside, também aí, o perigo de se tornar, como toda a instituição, um “aparelho” ou instrumento de poder de interesse de grupos que não representam os verdadeiros interesses humanos de uma sociedade humana, tornando-se, então, justificadamente, alvo de críticas como a de Reimer quando diz que “as instituições modernas assumiram a carga de manter e justificar a continuada existência de uma hierarquia de privilégios. Entre estas instituições, a escola representa o principal papel. Cabe a ela iniciar cada geração nos mitos da produção e consumo tecnológicos, na idéia de primeiro produzir o que será consumido, e de que o produzido deve ser consumido. Não somente os produtos, mas serviços e mesmo os

conhecimentos transformaram-se em utilidades domésticas. Cabe à escola celebrar os rituais que conciliam mitos e realidades de uma sociedade que apenas tem a pretensão de pertencer a todos".⁴

Instrumento útil a todos ou instrumento a serviço de grupos e interesses minoritários, a instituição escolar tem sua origem na necessidade social básica de integração dos membros novos, a uma sociedade já feita e, complexamente feita.

Por uma questão de "instinto" de sobrevivência da própria sociedade humana que se faz de humanos individuais em interação, dando origem ao grupo social, os desvios que a instituição escolar sofre devem ser denunciados (e o são) na medida em que colocam em risco a própria humanidade.

É o que assistimos hoje, em todo mundo, ou seja, em todas as sociedades: a escola está em julgamento.

2.2 – A escola em julgamento

Gustavo F. J. Cirigliano, em artigo constante da obra "Juízo a la Escuela"⁵, que leva o título: "A Escolaridade Julgada", resume de maneira clara e organizada as críticas e julgamentos feitos, hoje, à instituição escolar.

É a partir de suas colocações que procuraremos apontar o fato moderno do julgamento da escola que, a nosso ver, é uma reação da própria humanidade em busca do redirecionamento de um de seus grandes instrumentos de realização — a escola.

Neste artigo, conforme Cirigliano, "colocam-se às claras os aspectos, característicos e qualidades do sistema escolar que, apesar de seu enorme poder formativo (ou "deformante", diria o autor), passam comumente despercebidos por detrás do formidável andaime que sustenta o sistema"⁶.

Apesar da não aceitação, por parte de muitos educadores, de que a escola não serve mais aos fins a que se destina (mesmo admitindo-se revisões e críticas à mesma) é importante mostrar alguns enfoques e situações que indicam a dificuldade da escola como solução. "A educação pode originar a escola. A escola não origina educação, mas, apenas, escolaridade, isto é: um modo, um ritual de condutas, em base a horários, métodos, fórmulas, exames etc. E é isto o que hoje se questiona a fundo: a escola como ritual, a escolaridade".⁷

Tais enfoques críticos da escolaridade, resume-os Cirigliano, na seguinte listagem:

a) Educação para todos, através da escola obrigatória a gratuita, torna-se tecnicamente impossível e economicamente inviável.

b) A escola serve para tornar toleráveis as contradições da sociedade.

c) É impossível modificar a estrutura piramidal do sistema escolar.

d) É possível esteja a escola assumindo outras funções (diferentes daquelas para as quais foi criada) que não declara ou encobre.

e) A escola introduz uns poucos privilegiados no domínio de linguagens especiais que lhes assegura outra dominação.

f) A escola cria linguagens que não explicam mas encobrem a realidade.

g) A escola se atribui a função de reconhecadora do saber (através de títulos, diplomas e certificados) mas o que realmente reconhece é a escolaridade.

h) A escola criou um novo testamento de nobres: os "doutores".

i) A escola chegou ao ponto de não poder mais educar, ainda que diga o contrário.

j) É discutível que funções sociais só se cumprem através de instituições.

l) A escola é a injustiça dissimulada.

m) A escola divide a humanidade em dois; os bons ou os escolarizados e os maus, os que não "quiseram" se beneficiar da escola.

n) A escola transforma o educador em verdugo e opressor imediato do sistema que defende uma ordem julgada sagrada (porque não se anima a levantar o véu e ver os interesses que se disfarçam).

o) O saber da escola é um novo tipo de "capital" há uma fonte de saber que propicia esta capitalização para poucos: é a escola.

p) A escola discrimina, aliena, limita a liberdade. A escola forma hipócritas.

q) A escola se assenta no pressuposto de que é boa em si mesma. É necessário discutir isto, pois, talvez seja preferível não fazer escolas melhores mas suprimi-las.

Além dessa listagem de críticas feitas à escola, acrescenta o autor outras considerações que evidenciam o quanto hoje, se pede de revisão desta instituição que, parece, não atende mais aos fins para que foi criada pela sociedade.

Assim é a escola, apresentada como instituição que impede o desenvolvimento da imaginação ou da criatividade por ter que ser uma

resposta à sociedade limitadora em que está inserida, sociedade esta que não tolera mudanças (ainda que as proclame) a não ser aquelas mudanças tecnológicas que acresçam os lucros.

Seio da hipocrisia é a escola que encarna a distância existente entre os valores que se proclamam (que se escrevem, que se ensinam, que se dizem) e a realidade diária que é triunfadora na medida em que os nega.

Escola "inocente" ou maldosamente inocente por não denunciar o uso desvirtuado do progresso de minorias. "O progresso para todos é um ídolo que todos reverenciam, esquecendo-se de que, se o progresso nem sempre está contra todos, geralmente não é para todos, mas para uns poucos. Dentre os "progressos" a escola é um que não é para todos" !

A escola (ou a escolaridade) é um produto das cidades industriais. Tem ela, a escolaridade, um papel definido de preparar as crianças para pertencerem ao lugar que lhes é destinado pela estrutura dessa mesma sociedade que reserva (promove) sempre um lugar privilegiado para as classes dominantes.

A escola é um templo para a religião do consumo, pois a escolaridade promove a atitude consumista dos escolarizados a partir do próprio consumismo de cursos, de especializações a de saberes sofisticados.

A escola que temos é uma escola que não permite o aprendizado do desvelamento da realidade (que seria o caminho para a conscientização) por abarrotar as consciências de palavras alheias ou alienadoras.

Além de alienar as consciências fazendo-as ver um mundo que não é o que realmente existe torna alienados os "donos" dessas consciências enquanto os utiliza para outros (alheios) fins que não os declarados.

Esta educação alienadora é resultante de uma educação que não é "libertadora" e sim, nas palavras de Paulo Freire, "bancária". O saber é um capital destinado aos empregos previamente determinados e não livremente escolhidos.

A lição mais comum que a escola ensina é a de que o saber só se aprende nas escolas. Esta é outra das terríveis alienações da "educação" escolar.

Por ensinar isto acaba, a instituição escolar, por legitimar a existência de uma nova classe da sociedade: a dos titulados, que acaba coincidindo com a classe dos privilegiados.

Esta escola é a própria "mensagem educativa", muito mais importante que a mensagem dos conteúdos que se ensinam. Se estes (os conteúdos) carregam ou podem carregar uma carga ideológica é na estrutura da escolaridade que esta carga ideológica está mais presente e melhor dissimulada.

E quando os estudantes percebem a dissimulação e se propõem a fazer (realizar) ativamente seu próprio aprendizado, são tachados de anti-sociais.

Conforme as lições declaradas de certas pedagogias seria este o ideal (proclamado). Na prática escolar impede-se isto.

E porque só o saber da escola é o saber válido para um tipo de sociedade, só os iniciados culturalmente neste saber é que o podem aprender.

Esta iniciação (discriminatória em sua origem, artificial portanto), é considerada, pela instituição escolar, como natural, sendo cobrada, indistintamente de todos. Todos não a têm ! Os que a têm são, naturalmente, os que obtêm sucesso escolar. Os demais são inaptos.

Percebe-se, por aí, que o "natural" da escolaridade é o seu artificialismo ou seu cerimonial: "todo este cerimonial foi confundido com o aprender — de tal modo que não cremos se possa aprender (nem o tentamos) fora de uma aula, sem as palavras dos lábios um professor ou sem tomar anotações".

Realmente não podemos deixar de concordar com muitas destas críticas feitas à escola, como a vemos funcionar em nossos dias.

A escola, em muitos casos, não tem mais servido aos fins a que se destina, isto é, ela não tem sido mais a instituição que organiza influências externas educativas tendo em vista a promoção humana dos educandos numa dada sociedade, aberta a todos os seus membros, mesmo porque, como instituição da sociedade, acabou a escola por assumir os "desvirtuamentos" da própria maneira de ser de nossa sociedade.

Cabem-lhe as críticas feitas como cabem, estas críticas, à sociedade moderna de que faz parte.

E como crítica é a própria "crise" posta à luz para que seja vista e, principalmente, revista, sugere-nos ela, não o desespero mas a esperança de uma libertação próxima, futura, que, por isto mesmo, deve ser iniciada hoje, no nosso presente.

A escola pode e deve ser um instrumento útil no processo educativo das pessoas, servindo assim, aos fins para que foi instituída, ou seja, ser um ambiente desvelador da própria situação de que faz parte, oferecendo, aos novos membros da sociedade, mais que receitas da vida, os horizontes abertos de uma contínua recriação dessa mesma sociedade, como já o dissemos antes.

É possível isto ? Acreditamos que sim. É o que procuraremos ver no item seguinte.

2.3 — A escola possível

A escola deve ser um ambiente desvelador da própria situação de que faz parte.

Ou seja, a escola deve produzir uma ação educativa que seja uma busca constante de promoção do homem, o que equivale a dizer que ela deve procurar tornar os alunos (seres humanos) cada vez mais capazes de conhecer os elementos de sua situação, para intervir nela, transformando-a no sentido de uma ampliação da liberdade, da comunicação e colaboração entre os homens.

As influências externas que a escola produz devem visar a isto. Ela é um lugar privilegiado de desvelamento, de revelações, de descobertas.

Os professores (educadores profissionais) devem ser pessoas que vivem buscando tornar mais claros os elementos da situação em que vivem, em que vivem “seus” alunos e em que está inserida “sua” escola.

E tal busca, devem fazê-la, **junto com os alunos !**

Devem ser capazes de criar condições favoráveis para que os alunos façam suas próprias buscas.

Uma escola preocupada com isto é uma escola possível, isto é, é uma escola que pode e deve existir para humanos autênticos.

“O homem é homem, dirá Paulo Freire, e o mundo é histórico-cultural, na medida em que, ambos inacabados, se encontram numa relação permanente, na qual o homem, transformando o mundo, sofre os efeitos de sua própria transformação.

Neste processo histórico-cultural dinâmico, uma geração encontra uma realidade objetiva marcada por outra geração e recebe, igualmente, através desta, as marcas da realidade”.⁸

Esta troca constante do homem com a realidade, com a situação, com os elementos de sua situação é o que produz o homem e a realidade, ou seja, o mundo.

O homem autêntico é o que se faz na troca com a situação e nunca o que é forçadamente adaptado a uma realidade já pronta.

Daí que a escola deva ser um lugar de desvelamento, de revelações a respeito do mundo que outros homens já marcaram com sua ação e, ao mesmo tempo, um lugar de recriação desse mesmo mundo pelos novos homens que nele estão entrando.

Tal recriação não será, por certo, uma destruição do mundo feito até aqui, mas uma retomada, **à maneira dos novos homens** que sempre fazem um novo mundo ao se fazerem. (Se não forem impedidos por autoritarismos desumanos !...)

Educar, nesta escola humana, significará promover os homens (os alunos e os professores) à condição de homens autênticos, ou seja, à condição de homens que se fazem fazendo seu mundo: ou seja, à condição de interferidores na situação !

Para que isto ocorra a escola que vemos possível deve ser uma escola que promova atos autênticos de conhecimento, onde as condições homem-mundo são constitutivas desse ato eminentemente humano.

“Conhecer, nos dirá ainda Paulo Freire, na dimensão humana que aqui nos interessa, qualquer que seja o nível em que se dê, não é o ato através do qual um sujeito, transformado em objeto, recebe, dócil e passivamente, os conteúdos que outro lhe dá ou impõe.

O conhecimento pelo contrário, exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo. Requer sua ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica invenção e reinvenção. Reclama a reflexão crítica de cada um sobre o ato mesmo de conhecer, pelo qual se reconhece conhecendo e, ao reconhecer-se assim, percebe o “como” de seu conhecer e os condicionamentos a que está submetido seu ato.

Conhecer é tarefa de sujeitos não de objetos. E é como sujeito e somente enquanto sujeito que o homem pode realmente conhecer.

Por isto mesmo é que, no processo de aprendizagem só aprende verdadeiramente aquele que se apropria do aprendido, transformando-o em apreendido, com o que pode, por isto mesmo, reinventá-lo; aquele que é capaz de aplicar o aprendido-apreendido às situações existenciais concretas.

Pelo contrário, aquele que é “enchido por outro de conteúdo cuja inteligência não percebe; de conteúdos que contradizem a forma própria de estar em seu mundo, sem que seja desafiado, não aprende.

Para isto é necessário que, na situação educativa, educador e educando assumam o papel de sujeitos cognoscentes, mediatizados pelo objeto cognoscível que buscam conhecer”.⁹

Tais atos de conhecimento, de “con-nascimento” (con-nascere, do latim), de nascimento com a realidade, são os atos que transformam homem e mundo em humanos: tornar os homens capazes de conhecer, no sentido acima descrito, é que é promovê-los, ou seja, educá-los !

A educação, vista assim, não é e não pode ser um esforço de adaptação, nem mera extensão de conhecimentos, mas é, deve e pode ser uma situação de produção de conhecimentos, em que educadores e educandos buscam, juntamente, desvelar a realidade de que fazem parte.

É, como o diz Paulo Freire, uma “situação gnosiológica”.

E esse “buscar juntamente”, implica a troca das descobertas feitas, implica, portanto o diálogo.

A aula, nesta perspectiva, não é mais a transmissão de conhecimentos prontos”, mas um encontro em que se busca o conhecimento.

Neste encontro produtor de conhecimento (nesta situação gnosiológica) o diálogo é a estrutura fundamental, uma vez que o professor-educador propõe aos educandos a discussão, o debate, a respeito dos conteúdos que os mediatizam.

E tal proposta de discussão se dá em forma de problematização: questionam-se o mundo do trabalho, as obras, os produtos, as idéias, as convicções, as aspirações, os mitos, a arte, a ciência, enfim, o mundo da cultura e da história, que resultando das relações homem-mundo, condiciona os próprios homens, seus criadores.

“Colocar este mundo humano como problema para os homens significa propor-lhes que “admirem” criticamente, numa operação totalizada sua ação e a de outros sobre o mundo.”¹⁰

A dificuldade maior, deste tipo de trabalho educativo dialógico, reside justamente na identificação dos conteúdos que irão mediatizar educadores e educandos, ou seja, no caso de uma aula, na montagem dos conteúdos programáticos.

Que tais conteúdos devam ser problematizados e que tal problematização deva ocorrer no debate aberto e livre onde professores e alunos sejam participantes ativos em busca do conhecimento, cada vez mais amplo, desses mesmos conteúdos, ficou claro, até agora.

Que seja o “mundo humano”, com todos os aspectos que ele possa apresentar, o grande conteúdo que interessa a todos os homens, também fica claro.

Mas, numa dada realidade sócio-cultural, num dado momento histórico, numa situação concreta de um grupo de educandos com seus educadores, numa determinada escola ou sala de aula, de onde partir para iniciar a caminhada da descoberta, do desvelamento do “mundo humano” ?

Paulo Freire, mais uma vez, nos ajuda com uma resposta: “em qualquer das hipóteses, se se considera a dialogicidade da educação, seu caráter gnosiológico, não é possível prescindir de um prévio conhecimento a propósito das aspirações, dos níveis de percepção, da visão do mundo que tenham os educandos.

Será a partir deste conhecimento que se poderá organizar, o conteúdo programático da educação que encerrará um conjunto de temas sobre os quais educador e educando, como sujeito cognoscentes, exercerão a cognoscibilidade.”¹¹

Qualquer que seja a realidade sócio-cultural, o momento histórico ou a situação em que estejam inseridos educandos em idade escolar ou

em idades mais avançadas, há sempre, nesses educandos, aspirações, níveis de percepção e visão do mundo já definidos.

Tomemos, por exemplo, alunos de uma classe de 3ª série do 1º grau, com faixa etária média de 8/9 anos.

Essas crianças vêm de lares diversos mas, normalmente vivendo os mesmos problemas de sua época, convivem com seus vizinhos, vêem televisão, são afetadas pela propaganda, escutam os adultos, têm hábitos falam uma língua, pensam de acordo com o ambiente em que vivem, "sentem" o mundo de uma maneira já própria, tendo recebido uma gama enorme de influências.

Dentro de si mesmas já têm aspirações, têm seu próprio nível de percepção (no caso de crianças, ainda influenciado pelo desenvolvimento psicológico incompleto) e têm uma visão própria do mundo.

Descobrir tudo isto, nestas crianças, organizar estas descobertas e, a partir daí, organizar o conjunto dos temas que a elas interessa (que estão próximos de seus interesses) será a grande tarefa de definição dos conteúdos programáticos.

Os temas, assim organizados, chama-os Paulo Freire, de "temas geradores" que, captados, estudados, colocados num quadro científico são devolvidos aos educandos como temas problemáticos, a partir dos quais toda uma situação de descoberta começa a se criar: novos conhecimentos são gerados, a partir daí estes seres humanos estarão se promovendo — (os educandos e os educadores).

Está aí esboçada a atividade de planejamento educacional que todo educador-especialista (professor) deve desenvolver frente e com cada "turma" com que trabalhará.

Pesquisará ele (diagnosticará) as aspirações, os níveis de percepção e a visão de mundo de "seus" alunos; organizará os resultados de suas pesquisas, codificando-os de uma maneira pedagógica; apresentará estas codificações aos seus alunos, para que eles descodifiquem juntamente com o professor, e, a partir daí, o diálogo instalado, gerado necessariamente uma tomada de consciência (conhecimento) da própria realidade. Esta tomada de consciência levará à busca de novos conhecimentos de vez que uma realidade particular se explica, cada vez mais, nas suas relações com totalidade maiores.

Os conteúdos organizados pelas diversas ciências: gramática, matemática, ciências físicas, químicas e biológicas, história, geografia etc. poderão, perfeitamente, servir de instrumentos aclaradores da realidade pesquisada e de instrumentos úteis para as novas buscas.

Os conteúdos dessas ciências, em muitos casos, poderão constituir-se na própria codificação pedagógica da realidade diagnosticada.

Sua apresentação, em sala de aula, ganhará a característica do desafio e da mediatização e deixarão de ser conteúdos que devem ser apenas depositados nos alunos sem que façam, para eles, nenhum sentido.

Livros, autores, textos serão meios úteis para o diálogo produtor de conhecimento autêntico e, jamais, conteúdos rígidos de programas impostos.

Dentro desta linha de encontro com os educandos-alunos, com sua realidade (com suas aspirações, seu nível de percepção, sua visão de mundo) acreditamos ser possível uma tarefa educativa escolar por parte de “professores-educadores-especializados”.

Tal tarefa será, acima de tudo, humana e humanizadora.

Cada aula será o encontro de vários seres humanos (dentre eles o professor é **um**) que, como “**eus**” saberão dizer “**tu**” aos demais formando um “**nós**”.

A base desta tarefa será a crença no homem-sujeito, qualquer que seja sua idade, e a crença numa História Humana que deve ser feita por todos que, ao fazê-la, estarão se fazendo.

A imposição cederá lugar à proposição; o comunicado vazio será substituído pelo achado em comum que se dará no diálogo pleno de humanidade.

A reprodução das injustiças será então substituída pela promoção do homem.

Cada ato educativo será um degrau a mais na humanização do mundo. — E a educação escolar, como um dos atos educativos, estará sendo uma grande ajuda na construção deste mundo humano de hoje e... do futuro.

3 – A ESCOLA NO SEU PAPEL DE “CONSTRUTORA” DO MUNDO (HUMANO) DE HOJE E DO FUTURO

Apesar das críticas à escola (muitas delas procedentes, como afirmamos antes) procuramos, afirmar a nossa crença na possibilidade de ser a instituição escolar, uma grande e necessária ajuda na construção, na “fazeção” do mundo humano de hoje que será a “matéria-prima” do mundo humano do futuro.

Esta nossa crença diz respeito a um tipo de escola que precisa ser realizado. A um tipo de escola que se liberte daqueles “defeitos” que as críticas procedentes apontam na escola de hoje. A um tipo de escola que realize um processo educativo (parte de um processo educativo mais amplo) em que se busque a “promoção”, a realização dos humanos nele envolvidos, através fundamentalmente de ações escolares que tenham por

finalidade auxiliar a estes humanos a se formarem cada vez mais capazes de “se verem” (de se conhecerem) e “ao seu mundo” e, “vendo” a si e ao seu mundo, se tornaram cada vez mais capazes de **gerir**, como sujeitos, a “fazeção”, a realização concreta do mundo e de si mesmos.

Dissemos, na introdução que “uma escola que produz um tipo de educação em que a vida dos alunos não é colocada diante deles para que eles a examinem, juntamente com os outros aspectos do mundo de que fazem parte, é uma escola que está produzindo **uma ação educativa parcializada e fica a dever a dos humanos que nela estão envolvidos**. Fica a dever em relação às suas existências presentes como fica a dever em relação ao seu preparo para o futuro”.

Pois bem, a escola que julgamos que não ficará a dever aos humanos nela envolvidos será aquela “escola possível” a que nos referimos no item 2.3.

A base desta “escola possível”, da tarefa educativa que achamos deva ela realizar, será a crença no “homem-sujeito”, qualquer que seja a sua idade e, acrescentamos agora, o lugar que ele ocupe na sociedade. Será, além disto, a crença numa História Humana que deve ser feita por **todos** que, ao fazê-la, estarão, então, se **fazendo**.

Não acreditamos, como alguns críticos da escolarização, que a escola deva ser extinguida. A escola que temos tido sofre, de modo geral, dos defeitos que lhe tem sido imputados por estes críticos. Mas tem ela que saná-los e tornar-se um lugar privilegiado de “desvelamento” do mundo e dos humanos que participam deste mundo. Tal “desvelamento”, ou seja, o conhecimento autêntico dos humanos e do seu mundo (conhecimento que será autêntico se os estiver continuamente instrumentado para uma ação humanizadora neste mundo) precisa da instituição escolar.

Este “conhecer autêntico” faz parte essencial do processo educativo (do processo de “fazeção”) das pessoas.

E o processo educativo das pessoas não se dá apenas, por “produções internas” (que se processam apenas na interioridade das pessoas). Vimos que o processo educativo pressupõe influências externas. Não há pessoas que “se fazem” (se eduquem) sozinhos. As pessoas sempre “se fazem” — se educam — junto com outras pessoas e em uma dada sociedade (“situação”).

Em nossas sociedades modernas, tão complexas, (tão caóticas ou calidoscópicas como disse Alvin Toffler), o processo de as pessoas “se fazerem” juntamente com as outras pessoas não parece tão simples a ponto de se poder pensar em relações de uns com os outros apenas no nível das relações difusas ou informais.

As relações informais não conseguem esgotar em si mesmas todo o “conteúdo” da realidade ou da “situação” de que fazem parte as pessoas.

Nossas vidas individuais, hoje, não se explicam, apenas, na esfera de nossas relações próximas.

O homem moderno tem que se explicar a si mesmo em função de esferas mais remotas. Uma rede de ligações mais amplas, onde cada um se veja na dimensão maior que realmente tem, se faz cada vez mais necessária.

Os meios de comunicação de massa, o mundo do trabalho em grandes organizações, as relações internacionais cada vez mais presentes em nossas casas, as possibilidades constantes e concretas de tragédias mundiais em que cada indivíduo pode ser arrolado como vítima ou como responsável, o próprio universo de conhecimentos que é solicitado de cada pessoa, todo este conjunto complexo maior é, hoje, a **situação**, o **ambiente** de cada um.

Os indivíduos, os “**cada um**”, precisam, hoje, receber influências externas organizadas de tal maneira que sejam suficientes para que, ao se apropriarem pessoalmente delas, “vejam” a verdadeira dimensão do mundo em que e com que vivem e se dimensionem nele.

A escola é um lugar privilegiado onde muitas destas influências externas, podem ser organizadas, sistematizadas, possibilitando aos humanos nela envolvidos aquele conhecimento cada vez maior dos “elementos de sua situação para intervir nela, transformando-a no sentido de uma ampliação da liberdade, da comunicação e colaboração entre os homens.”

Entrar numa escola deste tipo, hoje, é uma necessidade. Uma escola que não seja deste tipo não pode e não deve existir.

Mas uma escola que, como instituição educativa formal, seja vista como recurso de que se sirvam indivíduos e sociedade para “se fazerem”, se realizarem plenamente, esta escola — achamos nós — pode e deve existir. Será ela um recurso útil se, organizadamente, sistematizadamente ou que é o mesmo, formalizadamente (o que não quer dizer alienadamente), por um lugar de encontros de educadores e educandos, onde os temas relativos à sua situação particular sejam debatidos, corajosamente, à luz da totalidade de que fazem parte. Se for um lugar em que as ciências, como conhecimentos organizados, sejam instrumentais capazes de tornar próximas realidades mais distantes e mais amplas exigidas para a tomada de consciência da realidade vivida, que será buscada e aprofundada no esforço de análise conjunta.

Uma escola assim, pode e deve existir. Aliás, uma escola assim, precisa existir para poder colocar os indivíduos frente às suas próprias vidas e frente ao seu próprio mundo para, neste trabalho, poder auxiliar

eficazmente na construção dos humanos e do seu mundo. E, fazendo isto, auxiliá-los na realização de seu caminhar histórico em direção a "Um Futuro" que, como dissemos, será sempre uma "re-fazção" do presente, deste presente.

A escola tem um papel na construção do futuro: este seu papel é o de auxiliar a construir um presente que seja retomável e que não tenha, pela sua mediocridade, de ser totalmente negado.

E, se um dia, tiver a humanidade de negar totalmente o que já tiver realizado, não temos dúvida de que a humanidade terá chegado ao fim. Não podemos, não temos o direito de construir algo para um nada futuro.

Temos o dever de construir uma História que sempre aponte para um amanhã porque o hoje, desta História, valeu a pena.

Temos de sentir em nós mesmos que valemos a pena. Temos de ser educadores profissionais que fazemos uma escola que, hoje, vale a pena e, por isto, será retomada, nos seus frutos no amanhã da História: e ela valerá a pena se ela for produtora do humano e não atrofiadora.

Colocar-se a escola, assim, é colocar nesta parcela do processo educativo, o **futuro**, pensamos nós !

BIBLIOGRAFIA

SAVIANI, D., Educação: do senso comum à consciência filosófica, São Paulo, Cortez Editora: autores associados, 1980.

LATERZA, M., e RIOS, T. A, Filosofia da Educação, S. Paulo, Herdes, 1971.

CIRIGLIANO, G. F. J., Fenomenologia da Educação, Petrópolis, Ed. Vozes, 1978.

REIMER, E, A Escola está Morta: Alternativas em Educação, R. Janeiro, Fr. Alves, 1976.

CIRIGLIANO, G. F. J., FORCADE, H. L. e ILLICH, I, Juício a la Escuela, B. Aires, Editorial Humanitas, 1974.

FREIRE, P., Extensão ou Comunicação ? , Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1975.

NOTAS

(1) Saviani, D, Educação: do senso comum à consciência filosófica, p. 41.

- (2) Laterza, M. e Rios, T. A., *Filosofia da Educação*, p. 23.
- (3) CIRIGLIANO, G. F. J., *Fenomenologia da Educação*, p. 149.
- (4) REIMER, E., *A Escola está Morta: alternativas em educação*, p. 82.
- (5) CIRIGLIANO, G. F. J., Forcade, H. L. e Illich, I, "Juicio A la Escuela, Editorial Humanitas, B. Ayres, 1974.
- (6) Idem, p. 59.
- (7) Idem, p. 63.
- (8) FREIRE, P., *EXTENSÃO OU COMUNICAÇÃO ?* p. 76.
- (9) FREIRE, P., *EXTENSÃO OU COMUNICAÇÃO ?* pp. 27 – 28.
- (10) FREIRE, P. *Extensão ou Comunicação ?* p. 83.
- (11) FREIRE, P., *EXTENSÃO OU COMUNICAÇÃO ?* p. 87.